

**“Lá não tem gay”:**

***fronteira e relações de vizinhança envolvendo gêneros  
dissidentes e sexualidades disparatadas em Corumbá (MS)<sup>1</sup>***

“There is no gay there”:  
border and neighborly relations involving  
dissident genders and disparate sexualities in Corumbá (MS)

*Tiago Duque\**

**RESUMO:** Este artigo discute fronteira e relações de vizinhança envolvendo gêneros dissidentes e sexualidades disparatadas na cidade de Corumbá (Mato Grosso do Sul). O referencial teórico para a análise são de autoras/es oriundas/os da teoria feminista e do pensamento de Foucault, muitas/os da linha teórica queer, e outras/os pós-estruturalistas. Metodologicamente utiliza-se de etnografia on-line e off-line, além de entrevistas semiestruturadas. Os resultados apontam para a importância de pensar a realidade fronteiriça via diferentes marcadores sociais da diferença. Além disso, a partir das experiências das/os “efeminadas/os” e/ou “discretos”, eles apontam para as especificidades dos processos de reconhecimento neste contexto de interação entre brasileiras/os e bolivianas/os.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero. Sexualidade. Fronteira. Corumbá. Bolívia.

**ABSTRACT:** This article discusses border and neighborly relations involving dissident genders and disparate sexualities in the city of Corumbá (Mato Grosso do Sul). The theoretical reference for the analysis are authors that originated from the feminist theory and Foucault's thought, many from the queer theory line, and other poststructuralists. Methodologically, online and offline ethnography is used, as well as semi-structured interviews. Preliminary results point to the importance of thinking the border reality via different social markers of difference. Moreover, from the experiences of the "effeminate" and/or "discrete" people, they point to the specificities of recognition procedures in the context of interaction between Brazilians and Bolivians.

**KEYWORDS:** Gender. Sexuality. Border. Corumbá. Bolivia.

## **Introdução**

Pesquisador: “Mas, porque você não me disse que era boliviano?!”.  
Interlocutor: “Porque quando eu digo, as pessoas somem”.

(Anotações do caderno de Campo, maio de 2014)

O fragmento citado acima é parte das anotações do trabalho de campo da pesquisa “Gênero, sexualidade e diferenças: normas e convenções sociais na fronteira Brasil-Bolívia”, a

---

\* Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). duque\_hua@yahoo.com.br.

qual teve início no primeiro semestre de 2014 e segue em andamento. O contexto sociocultural desta região das cidades bolivianas Puerto Quijarro/Puerto Suárez e das brasileiras Corumbá/Ladário, mas, do lado brasileiro, especialmente a cidade de Corumbá, é o foco destas análises. Ela possui uma estimativa de 108.656 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015)<sup>2</sup>. As informações aqui reunidas são bastante ricas em termos de dados para pensarmos a temática da fronteira e suas relações de vizinhança.

A ocasião em que pude ouvir a frase “porque quando eu digo, as pessoas somem”, foi a de um contato off-line com um homem boliviano que encontrei anteriormente na sala de bate-papo “Corumbá” do site UOL. A sala de Bate Papo UOL é um espaço de sociabilidade virtual onde pessoas de diferentes lugares do mundo conseguem se comunicar umas com as outras. As salas são divididas por “Amizade”, “Idades”, “Namoro”, “Papó Sério”, “Sexo” e “Cidades e Regiões”. Em “Cidade e regiões” encontram-se 29 subdivisões: os estados brasileiros, o distrito federal, “brasileiros no exterior” e “estrangeiros no Brasil”. Dentro de “Mato Grosso do Sul”, em meio a outras cidades, encontrei a sala “Corumbá”. Há casos em que existem mais de uma sala por cidade.

A sala Corumbá no Bate Papo UOL pode ser considerada uma sala facilitadora para se marcar encontros na cidade (SOUZA, DUQUE, 2016). Sabendo disso, após a troca de mensagens instantâneas com o interlocutor que me referi anteriormente, o adicionei no Skype, o que facilitou também nossas conversas em tempo real com uso de voz e imagem. Como ele se recusava a mostrar o rosto na câmera, somente pude perceber que ele era boliviano quando o vi pessoalmente, isso devido às suas características fenotípicas (cor da pele, formato dos olhos, tipo de cabelo).

Esse interlocutor fala o português sem sotaque, o que facilita ele passar por brasileiro via telefone ou outras tecnologias de uso de voz sem ser identificado como sendo estrangeiro.

Quando do primeiro encontro na sala UOL, ele estava em busca de encontros afetivo-sexuais com outros homens, mas, depois de algumas semanas, aceitou participar da pesquisa. Inclusive, depois, mantivemos contato através do Whatsapp.

A tentativa de manter um diálogo comigo, via as mídias digitais, em um primeiro momento, sem se identificar como boliviano, visibiliza parte das normas e convenções sociais que estão presentes na região fronteiriça na qual este estudo se concentra. Afinal, sabe-se que, comumente, muitos brasileiros discriminam bolivianos, e esse tipo de relação acontece nas interações de diferentes ordens, tanto econômicas como mercadológicas (COSTA, 2013b), mas, como mostra os dados iniciais deste estudo reunidos neste artigo, isso também ocorre no campo do desejo afetivo-sexual. Esse tipo de discriminação ocorre ainda que existam muitos casos, especialmente entre as pessoas de classe social tida como mais baixa, de casamentos e constituição de famílias heterossexuais entre pessoas dessas duas nacionalidades (COSTA, 2013a; ESSELIN [et al], 2012).

Sendo assim, o que se objetiva com este artigo é expor parte das primeiras reflexões a respeito dessas experiências na região da fronteira Brasil/Bolívia. A hipótese inicial é a de que, via o enfoque nas experiências dos gêneros dissidentes e das sexualidades disparatadas, será possível interpretar o ordenamento social dessa região em um sentido mais amplo, isto é, não se trata aqui de um estudo apenas com o foco nos homens que estão em busca e/ou mantêm relações afetivo-sexuais com outros homens, mas, antes, nas experiências geradas pelas normas e convenções sociais que estão tendo significado para toda uma população fronteiriça.

### **“Mas, porque você não me disse que era boliviano?!”: sobre as questões teórico-metodológicas deste estudo**

Do ponto de vista teórico, este texto utiliza uma rede de autoras/es foucaultianas/os, feministas e pós-coloniais, mas, principalmente, com inspiração queer<sup>3</sup>. Essa postura teórica altera o foco de uma exclusiva preocupação com a opressão e libertação dos sujeitos para a análise das práticas institucionais, da produção dos conhecimentos sobre a sexualidade, e do modo como eles organizam a vida social. A Teoria Queer tenta, em particular, pensar o modo como esses conhecimentos e práticas sociais oprimem diferenças (SEIDMAN, 1996). Além

disso, em uma perspectiva multidisciplinar, será usado um conjunto de estudos fronteiriços, especialmente aqueles focados na região em questão.

O trabalho de campo, de uma forma como um todo, considerando a pesquisa integralmente, envolve etnografia off-line e on-line: atividades em espaços públicos e privados da cidade de Corumbá (festas, desfiles cívicos e de beleza, eventos religiosos e político-culturais) e ambientes de sociabilidade na internet (sala bate papo, aplicativos de celular, sites e perfis nas redes sociais).

Compreendo etnografia nos termos de Magnani, isto é, como

uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (2009, p. 135).

Em relação às observações e interações on-line, conforme Miller (2013), reconheço a tecnologia da internet como um gênero cultural, e, como tal, não nos permite criar algo radicalmente novo, mas, antes, realizar um desejo já presente anteriormente, que, porém, não tinha como ser realizado, visto que faltavam os meios. Mas, pode haver uma consequência no seu uso que é a possibilidade de explorar novas coisas, experimentar novas liberdades, “mas isso também induz ansiedades quanto ao controle sobre como essas liberdades e capacidades serão empregadas” (Idem, p. 173). Dito de outro modo, os contatos on-line que envolvem o trabalho de campo deste estudo são tomados a partir da compreensão de que, diferentemente “das primeiras investigações que trabalhavam com a oposição real-virtual, atualmente se tornou quase consenso o fato de que as novas mídias não criam um universo social à parte” (MISKOLCI, 2011, p.15). O virtual, o on-line, é uma continuidade da vida off-line:

Este universo, chamemos “on-line” ou “virtual”, não é um espaço destacado do mundo “off-line” ou “real”; estas classificações não devem ser pensadas como absolutas, nem formam uma dicotomia. Não são planos radicalmente apartados, mas contextos que se interpenetram e se influenciam mutuamente. A internet não forma um espaço autônomo, que existe em paralelo aos espaços físicos; a distinção on-line/off-line é circunstancial e precária, “real” e “virtual” estão constantemente articulados. A rede é parte do mundo, e não um “mundo à parte”. (BRAGA, 2015, p. 228)

A minha surpresa estampada na já citada frase “Mas, porque você não me disse que era boliviano?!” é um exemplo do que apontei no parágrafo anterior. Afinal, essa passagem da relação on-line para a off-line deixa claro que não se tratam de duas realidades em separado, antes, compõem um regime de visibilidade que, como veremos, tem a ver com a discussão temática deste artigo.

#### **“Eles são muito preconceituosos”: nacionalidade, gênero, sexualidade e outros marcadores sociais da diferença**

A nacionalidade é entendida neste estudo como sendo um dos marcadores sociais da diferença, como classe, raça/etnia, gênero, sexualidade, idade, religião, etc. Isto é, como uma marca de identificação e diferenciação, caracterizada no sentido que Ianni definiu nação: como estando sempre em movimento, afinada e desafinada, não surge e nem permanece pronta e acabada.

Nasce e renasce, segundo o movimento do seu povo, forças sociais, formas de trabalho e vida, controvérsias e lutas, façanhas e utopias. Resgata ou esquece tradições reais e imaginárias, conforme a fisionomia que se pretende construir no presente, segundo a utopia que vai buscar no futuro. (1988, p. 31)

No caso do interlocutor citado no fragmento da anotação do trabalho de campo no início deste texto, se essa característica/marca pode ser interpretada como depreciativa entre os homens brasileiros em busca de encontros afetivo-sexuais com outros homens, há outras que, para esse mesmo grupo e que este interlocutor possui, não são: a masculinidade viril, a pele não

tão escura e a aparência bastante jovial (mesmo tendo trinta anos). Isso nos ajuda a entender aquilo que Brah (2006) afirma sobre a diferença: ela não é sempre um marcador de hierarquia e opressão. Segundo ela, “é uma questão contextualmente contingente saber se a diferença resulta em desigualdade, exploração e opressão ou em igualitarismo, diversidade e formas democráticas de agência política” (Idem, p. 374).

Outros dois importantes marcadores sociais são gênero e sexualidade. Nesta análise, gênero

não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “o sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BUTLER, 2003, p.25).

Por isso, também se compreende “sexo” aqui como sendo “parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa” (BUTLER, 2001, p.153). Em outras palavras,

O “sexo” é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o “alguém” simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural (Idem, p.154-155).

Assim, a masculinidade de parte dos interlocutores homens é entendida aqui a partir de certo cumprimento performativo da matriz de inteligibilidade de gênero apresentada por Butler (2003), isto é: “sexo” masculino = gênero masculino = desejo pelo “sexo oposto” (ou, e se tratando de feminilidade, “sexo” feminino = gênero feminino = desejo pelo “sexo oposto”). Evidentemente que, no caso em questão, o não cumprimento dessa matriz em relação ao desejo

por alguém do “sexo oposto”, que escapa a certos controles disciplinares dos prazeres, produz uma espécie de sexualidade disparatada (FOUCAULT, 2007).

Assim, as relações de vizinhança neste contexto fronteiriço podem ser compreendidas a partir destas intersecções de marcadores sociais da diferença. A agência das/os interlocutoras/es deste estudo se dá por meio desses marcadores, isto é, a agência aqui se refere “as possibilidades no que se refere à capacidade de agir, mediada cultural e socialmente” (PISCITELLI, 2008, p. 267). Isso ocorre diante de vários elementos de identificação e diferenciação no contexto fronteiriço.

Estas interseções alocam o referido interlocutor na categoria êmica de “discreto”<sup>4</sup>. Em campo, utiliza-se “discreto” para se referir a homens que estão em busca e/ou mantendo relacionamento afetivo-sexuais com outros homens, ou travestis, independentemente de terem ou não relações afetivo-sexuais também com mulheres, mas aparentam certa coerência em relação à expectativa de uma performance de gênero masculina (conforme a matriz apresentada anteriormente), independentemente da prática-desejo sexual.

Diferentemente deste interlocutor boliviano e outros “discretos”, há participantes neste estudo que foram classificadas/os como sendo do sexo masculino ao nascerem, mas não só não correspondem às expectativas de desejo conforme a referida matriz, como, especialmente, não correspondem, diferentemente dos “discretos”, também ao que se espera delas/es em relação ao gênero, performatizando, portanto, experiências de gêneros dissidentes. Em campo, para essas/es interlocutoras/es, utiliza-se a categoria “efeminadas/os”<sup>5</sup>. Dito de outro modo, “efeminadas/os” são aquelas/es identificadas/os como do “sexo” masculino ao nascerem que não são masculinas/os nos termos dos “discretos”, isto é, da forma mais apropriada para as normas e convenções locais, envolvendo, inclusive travestis. Comumente as/os “efeminadas/os” estão em busca de relacionamento afetivo-sexuais com homens tidos como “discretos”. Os usos das categorias “discretos” e “efeminadas/os” apareceram em campo ora se referindo a um “Outro”, ora a si próprio, de maneira auto-atribuída. Seja um ou outro,

os usos são dinâmicos e carregam em si certa fluidez em termos de valoração, sendo mantidos em alguns contextos de desprestígio social e em outros de valorização dos sujeitos.

Durante os ensaios do Concurso MISS GAY Corumbá 2014, perguntei a um dos “efeminados” envolvidos se “as/os efeminadas/os” da Bolívia também participavam dos eventos brasileiros. Ele me respondeu que não, nem mesmo compondo o público, isto é, prestigiando. Disse-me: “Eles são muito preconceituosos”. Esta frase é a frase que mais se repetiu durante o trabalho de campo quando a questão era as experiências de gênero e sexualidade no país vizinho.

Contrariando essas avaliações, pude manter contato através da sala UOL Corumbá, e depois do Facebook, com uma travesti de Puerto Quijarro. Através das redes sociais e de esparsos encontros em Corumbá, pude ter contato com parte da rede de sociabilidade dela, das duas cidades bolivianas, formada também por outras travestis e “efeminadas” de lá. Encontrei-a em um dos eventos organizados pelas/os “efeminadas/os” de Corumbá, e também dançando junto às demais mulheres do seu país na tradicional festa em homenagem a Nossa Senhora de Copacabana, padroeira da Bolívia, organizado por bolivianas/os em Corumbá<sup>6</sup>.

Além disso, segundo matéria jornalística, no ano de 2012, foi realizado o quarto “Miss Pantanal Gay”, com participação, pela segunda vez, de representantes das cidades bolivianas de Puerto Quijarro e Puerto Suárez<sup>7</sup>. Segundo a mesma fonte, o organizador do desfile afirmou que isso mostra uma integração entre os povos que vivem nessa faixa fronteira.

Ainda assim, outro interlocutor “efeminado” confirmou a ideia de que não haveria “efeminadas/os” bolivianas/os na região: “Aqui nós fazemos fronteira com os índios, não há, não tem nada lá, só índios, roupas, coisa pra comprar mesmo”<sup>8</sup>. A frase “Lá não tem gay” também apareceu algumas vezes em campo. Com minha insistência em querer saber das/os interlocutoras/os brasileiras/os sobre o outro lado da fronteira, um disse-me em relação ao país vizinho: “Aqui na fronteira não tem gay não, nunca vi, só lá em Santa Cruz”. “Fronteira” aqui aparece como em outro estudo, nomeando o lado do país vizinho (COSTA, 2013). É como se a fronteira tivesse apenas o lado do “Outro”. Portanto, certa invisibilidade “estratégica”



caracteriza parte do discurso sobre o “Outro” quando se trata de gêneros dissidentes e sexualidades disparatadas. Utilizo “estratégica” aqui no sentido do que esta invisibilidade possibilita nos termos da produção de diferenças, não necessariamente consciente e calculada, mas como altamente produtora de significados nos contextos das relações de poder local. Por exemplo, a questão de existir “só índios”, de “não ter nada lá”, de ter gays somente na populosa Santa Cruz pode ser lida como se os vizinhos bolivianos da fronteira fossem “preconceituosos”, neste caso, em termos das práticas de gêneros dissidentes e sexualidades disparatadas.

Apesar desta realidade, é inegável que os encontros afetivo-sexuais entre homens brasileiros e bolivianos ocorrem. O que me parece produtivo para pensar no tema deste artigo é sob quais lógicas normativas essas experiências se dão. Em conversa através do Whatsapp com o interlocutor boliviano citado no início desse texto, perguntei a ele o motivo pelo qual “as pessoas somem” quando ele diz que é boliviano. Ele respondeu-me que não entendia o motivo, mas opinou: “Eu acredito que eles pensam que os bolivianos são todos doentes. Alguma coisa assim.” Questionei: “Doentes, por quê?”. Ele respondeu: “Sei lá. Tipo, com HIV”. E prosseguiu: “Uma vez saí com um cara casado. Daí abri o jogo para ele e falei que morava na Bolívia. Ele tomou um susto e perguntou se eu me cuidava em relação a sexo. Só pode ser esse o pensamento deles.” Assim, se há invisibilidade “estratégica” por um lado, por outro, há a visibilidade do “Outro” associada ao “perigo”<sup>10</sup>. Nada mais apropriado na produção de certa identidade nacional, genereficada e sexualizada, do que o “Outro” como ameaça sexual e/ou como preconceituoso. Isso volta a corroborar a concepção de diferença que aqui utilizo, isto é, sua produção “é um processo contínuo no interior da vida social e se estabelece na relação com o outro” (VENCATO, 2014, p. 33). Sobre isso, busco aprofundar a problematização no item a seguir.

### **“Aqui é o Rio de Janeiro”: processos de diferenciação e identificação desde as margens**

Segundo Costa,

A presença dos bolivianos em Corumbá é vista como um “problema social”, sobretudo por parte da elite local, mas com um preconceito difuso por outros setores da sociedade, e existe, no discurso e na prática, a reprodução de preconceitos e de uma estigmatização em relação aos bolivianos e seus descendentes. Esses conflitos que emergem na região revelam processos de exclusão e de construção social de estigmas sociais, que são reforçados pela imagem negativa do senso comum, referida à fronteira como área de tráfico de drogas e de armas, de contrabando e falsificação de produtos. (2013a, p.144).

Outros autores apontam para essa mesma estigmatização da região:

A fronteira em seu sentido mais comum está ligada ao preconceito por sua condição de margem, portanto, marginal a uma noção, decorrente de questões históricas e políticas. É um local no qual se pode assimilar a negatividade, atribuída por diversos fatores como o ilícito, a clandestinidade, a miscigenação, entre outros. (OLIVEIRA e CAMPOS, 2012, p. 17).

É a partir desta “imagem negativa do senso comum” construída a partir da “condição de margem” que penso ser importante problematizar essas relações de vizinhança quando o assunto é gêneros dissidentes e sexualidades disparatadas. O reconhecimento do “Outro” como sendo “preconceituoso” e/ou “perigoso”, além de certa “estratégica” invisibilidade das experiências das/os “efeminadas/os” bolivianos na região fronteiriça, passa, também, por este estigma da fronteira. Afinal, penso reconhecimento aqui como o algo que se dá necessariamente por um caminho comum entre histórias singulares, e esse caminho o coloca em circulação (BUTLER, 2007). Isso porque “O reconhecimento é uma relação intersubjetiva, e, para um indivíduo reconhecer o outro, ele tem que recorrer a campos existentes de inteligibilidade” (BUTLER, 2010, p. 168). Faz parte, portanto, dos processos de reconhecimento em Corumbá a inteligibilidade de normas e convenções que associam negatividade à fronteira (não exclusivamente negativas, mas, em especial neste momento da pesquisa, elas aparecem em destaque).

Isso fica claro não somente em relação à imagem que se tem das cidades bolivianas vizinhas, mas também quando as/os “efeminadas/os” de Corumbá comparam sua cidade com a do Rio de Janeiro. A relação de Corumbá com o Rio de Janeiro é histórica desde a sua origem, mas, neste caso, chama-me a atenção a comparação feita por várias/os interlocutoras/es da pesquisa. Ao me referir a possibilidade de eu sofrer algum tipo de violência por eu também ser um/a “efeminado/a” em várias circunstâncias, inclusive por não corresponder às expectativas da matriz de inteligibilidade no que se referem a um desejo heterossexual, elas/es, em diferentes momentos, me diziam para não me preocupar, afinal, “Aqui [Corumbá] é o Rio de Janeiro”.

A ideia de que no Rio de Janeiro as/os “efeminadas/os” não têm problema com a violência por preconceito de gênero e sexualidade me pareceu bastante interessante, ainda mais com a comparação em relação a Corumbá. Primeiro porque, do ponto de vista dos dados de violência carioca<sup>11</sup>, essa não é a realidade, e, depois, porque essa relação está para além das questões de gênero e sexualidade, afinal, em campo, ouvia sempre esta constatação a partir de outras características sempre positivas: estátua do Cristo no alto do morro<sup>12</sup>, carnaval<sup>13</sup>, sotaque<sup>14</sup>, funk<sup>15</sup>, calor<sup>16</sup>, marinheiras/os<sup>17</sup>, moradoras/es cariocas<sup>18</sup>, samba, natureza exuberante, turistas, cerveja, torcedoras/es de times cariocas de futebol, aeroporto, construções históricas, hábito de usar roupas informais (curtas, leves, assim como chinelos e sandálias) para ir a bancos, lojas e supermercados, etc.

No entanto, há um silenciamento sobre outros pontos da capital carioca que não aparece no discurso das/os interlocutoras/es, especialmente aqueles avaliados como negativos. Buscar no “Outro” o que nos valoriza faz parte dos mais variados processos de identificação, logo, também de diferenciação, não é característica peculiar da região fronteira. Mas, em se tratando dessa região, se um pólo positivado é o carioca-nacional, geograficamente distante, o outro, muito próximo, é tomado como negativo: o boliviano-estrangeiro, onde “não tem gay”, “só tem índio” e as pessoas são “muito preconceituosas”, como discutido até aqui.

No que se refere à questão central deste texto, essas comparações valorativas com o Rio de Janeiro e depreciativa com a Bolívia ganha força nos discursos devido a produção de eventos

organizados pelas/os “efeminadas/os” em Corumbá. São eles: Carnaval, Musa Gay do Carnaval e Amistoso de Futebol entre “efeminadas/os”. Além destes, ainda que elas/es não estejam na organização, também são peças importantes nas apresentações no Concurso de Quadrilhas e das apresentações públicas das bandas de percussão e/ou fanfarras das escolas, tanto de Ladário, como de Corumbá, especialmente no que se refere às coreografias, figurinos, penteados e maquiagem. No caso das bandas e fanfarras também ganham destaque em posição tidas comumente como mais femininas, como baliza e “tocadora de prato”.

Estes eventos ganham destaque na mídia local e estadual, contribuindo para a visibilidade das/os “efeminadas/os”. Por exemplo, nos jornais on-line, a circulação de manchetes como “Bandas e Fanfarras dão show de coreografia durante festival” (2009)<sup>19</sup>, “Miss Pantanal Gay 2010 teve candidatas de 5 cidades de MS”<sup>20</sup> (2010), “Corumbaense irá representar MS no Miss Gay Brasil Plus Size” (2013)<sup>21</sup>, “Corumbá elege musa Gay o Carnaval” (2014)<sup>22</sup>, garante uma visibilidade que, conforme observado em campo, faz fortalecer o discurso de que a cidade não é preconceituosa com relação aos gêneros dissidentes e as sexualidades disparatadas. No entanto, a partir de análises de diferentes jornais on-line da cidade e do estado (CUNHA, DUQUE, 2016), percebe-se que essas manchetes não são sempre sobre experiências festivas e alegres, ainda que as notícias sobre violência e discriminação não ganhem destaque entre as pessoas com as quais convivi em campo. Refiro-me a manchetes como “Travesti de 29 anos é assassinado com facada no pescoço” (2013)<sup>23</sup> e “Após assumir namoro com travesti, homem é agredido no centro de Corumbá” (2015)<sup>24</sup>.

Esta realidade é caracterizada, portanto, por um regime de visibilidade que configura estas relações de vizinhança através dos gêneros dissidentes e das sexualidades disparatadas interseccionadas por outros marcadores sociais de diferença. Entendo regime de visibilidade nos termos de Miskolci, isto é, como aquilo que

traduz uma relação de poder sofisticada, pois não se baseia em proibições diretas, antes em formas indiretas, mas altamente eficientes, de gestão do que é visível e aceitável na vida cotidiana (2014, p.62).

Por outro lado, como aponta Passamani, é preciso reconhecer também que a noção de regime de visibilidade implica compreender que existe uma série de códigos e valores que se impõem como uma espécie de gramática às pessoas envolvidas, nas maneiras como elas podem parecer visíveis em relação à orientação sexual e à identidade de gênero. Dito de outro modo, “Relacionar-se com estes regimes de visibilidade exige a utilização de uma série de estratégias de gestão desta visibilidade” (2015, p. 26).

Compreendo estes códigos e valores via a gramática da realidade fronteiriça demarcadora das experiências dos gêneros dissidentes e das sexualidades disparatadas em Corumbá. Assim, como foi apresentado até aqui, a realidade fronteiriça impõe-se, com toda a sua carga de “margem”, aos processos de diferenciação e identificação agenciados pelas/os “efeminadas/os” deste estudo. Dito de outro modo, as relações entre “efeminadas/os” e “discretos”, neste contexto fronteiriço dito “sem preconceito”, onde se constitui relações de manejos indenitários contraponto Rido de Janeiro e Bolívia, “as identidades podem funcionar ao longo de toda a sua história como pontos de identificação e apego apenas por causa de sua capacidade de excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em ‘exterior’, em abjeto” (HALL, 2000, p. 110).

### **Considerações preliminares**

As relações de vizinhança na região da fronteira Brasil-Bolívia, especialmente na cidade de Corumbá, estão demarcadas por diferentes marcadores sociais de diferença. Quando a questão é gênero e sexualidade, especialmente as experiências dissidentes e disparatadas, há um regime de visibilidade específico que demarca os processos de reconhecimento. Este regime envolve características e valores que estão para além das práticas de gênero e sexualidade em si, possibilitando, portanto, análises mais amplas das normas e convenções sociais que estão em questão nesta localidade.

As relações das/os “efeminadas/os” com os “discretos”, e vice-versa, seja entre brasileiras/os e/ou entre brasileiras/os bolivianas/os, revelam parte do jogo identitário que se esforça para driblar os valores pejorativos comumente vinculados às regiões de fronteira. Neste processo, encontram-se experiências de reconhecimento (identificação e diferenciação) que apresentam uma cidade supostamente sem preconceitos com as/os “efeminadas/os”, como um Rio de Janeiro idealizado, mas, em contrapartida, reforça estereótipos de um “Outro” supostamente perigoso e preconceituoso, neste caso, de um vizinho que “não tem nada”, nem gays.

### Referências

BRAGA, Gibran Teixeira. “Não estou cobrando o que eu não posso dar”: masculinidade simétrica no homoerotismo virtual. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, 21, pp. 225-261, 2015. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/sess/n21/1984-6487-sess-21-00225.pdf>>. Acessado em: 09 jul. 2016.

BRAH, Avtar. “Diferença, diversidade, diferenciação”. **Cadernos Pagu**, 26, pp. 329-376, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>>. Acessado em: 08 jun. 2017.

BUTLER, Judith. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. Entrevista concedida a Patrícia Porchat Pereira da Silva Kunudsen. **Revista Estudos Feministas**. vol.18, n.1, pp. 161-170, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v18n1/v18n1a09.pdf>>. Acessado em: 10 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Condição humana contra “natureza”. Diálogo com Adriana Cavarero. **Revista Estudos Feministas**. vol.15, n.3, pp. 650-662, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/381/38115309.pdf>>. Acessado em: 2 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

COSTA, Edgar Aparecido da. Mobilidade e fronteira: as territorialidades dos jovens de Corumbá, Brasil. **Revista Transporte y Territorio**/9, 2013. pp. 65-86. Disponível em: <<http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/rtt/article/view/304/282>>. Acessado em: 03 mai. 2017.

COSTA, Gustavo Vilela L. da. O muro invisível – A nacionalidade como discurso reificado na fronteira Brasil-Bolívia. **Tempo Social: revista de sociologia da USP**, v. 25, n. 2, 2013a. pp. 141-156. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v25n2/a08v25n2.pdf>>. Acessado em: 24 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. A Feira Bras-Bol em Corumbá (MS): notas sobre o comércio informal na fronteira Brasil-Bolívia. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 3, n. 2, 2013b, pp. 467-489. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/152/88>>. Acessado em: 30 jan. 2017.

CUNHA, Kellen, DUQUE, Tiago. Pessoas trans em pauta: uma análise sobre travestis, transformistas e transexuais da fronteira Brasil-Bolívia no noticiário sul-mato-grossense. **Relatório Final do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC)/UFMS**, 2016.

DUQUE, Tiago. Sexualidade, direitos humanos e fronteira: apontamentos sobre Aids, diferenças e estigmas. URQUIZA, Antônio Hilário Aguilera (org.) **Fronteiras dos direitos humanos: direitos humanos nas fronteiras**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2016. pp. 237-253.

ESSELIN, Paulo Marcos; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. **Fronteiras esquecidas: a construção da hegemonia nas fronteiras entre os Rios Paraguai e Paraná**. Dourados: Editora da UFGD, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2007.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? SILVA, Tomaz. Tadeu (org.) **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 103-133.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, pp. 129-156, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>>. Acessado em: 21 mai. 2017.

MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e Coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MISKOLCI, Richard. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. **Bagoas** – Estudos gays, gêneros e sexualidades, vol.8, nº11, pp.51-78, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6543/5073>>. Acessado em: 15 mai. 2017.

\_\_\_\_\_. Novas Conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos**, 12, pp. 9-22, 2011. Disponível em <<http://www.periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3160/pdf>> Acessado em: 09 jul. 2016.

OCTAVIO, Ianni. A questão nacional na América Latina. **Estudos Avançados**, vol. 2, n 2, São Paulo, 1988. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v2n1/v2n1a03.pdf>>. Acessado em: 22 abr. 2107.

OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de; CAMPOS, Davi Lopes. Migrantes e fronteira: lógicas subversivas, vidas referidas. PEREIRA, Jacira Helena do Valle; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de (orgs.). **Migração e integração**: resultados de pesquisa em Mato Grosso do Sul. Dourados: Editora UFGD, 2012. pp. 17-37.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. **Batalha de Confete no "Mar de Xarayés"**: condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade [Tese]. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, UNICMAP, 2015.

PISCITELLI, Adriana. Internseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**. vol.11, n. 2, pp. 263-274, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/viewFile/5247/4295>.Acesso>. Acessado em 23 abr. 2017.

SEIDMAN, Steven.. "Introduction". **Queer Theory/Sociology**. Cambridge, MA, Blackwell, 1996. pp. 1-25.

SOUZA, Carla Cristina de; DUQUE, Tiago. O (não) preconceito em/na rede: uma etnografia-online sobre gêneros dissidentes e sexualidades disparatadas na fronteira Brasil-Bolívia. **Relatório Final do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC)/UFMS**. 2016.



VENCATO, Ana Paula. Diferenças na escola. MISKOLCI, Richard e LEITE JÚNIOR, Jorge (orgs.). **Diferenças na educação: outros aprendizados**. São Carlos: EdUFSCar, 2014. pp. 19-56.

Artigo recebido em 11 de junho de 2017. Aprovado em 29 de novembro de 2017.

---

## Notas

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada em formato oral no VI Seminário Internacional América Platina e I Colóquio Unbral de Estudos Fronteiriços, realizado em novembro de 2016 na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), na cidade de Campo Grande.

<sup>2</sup>Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=500320&idtema=130&search=mato-grosso-do-sul|corumba|estimativa-da-populacao-2015->>>. Acessado em: 02 set. 2016.

<sup>3</sup> O queer é uma categoria local estadunidense que pode significar excêntrico, esquisito, diferente; bem como o pervertido sexual, marginal, estigmatizado ou anormal. Antes de ser usado como uma categoria teórica, o queer foi empregado nos contextos do movimento social estadunidense voltado contra as propostas das organizações e do movimento gay que buscavam garantir direitos civis assimilacionistas e moralizantes.

<sup>4</sup> Este termo êmico sempre apareceu em campo no formato gramatical do gênero masculino, por isso, sempre o empregarei nesse formato. Uso aspas aqui no sentido de apontar que esta descrição precisa ser compreendida sobre rasura, isto é, em contextos de acentuada fluidez identitária e performática.

<sup>5</sup> Este termo êmico apareceu em campo tanto no formato gramatical do gênero masculino como feminino. Uso aspas em “efeminadas/os” no mesmo sentido já explicado no caso dos “discretos” na nota anterior.

<sup>6</sup> Informações sobre esta festa religiosas podem ser encontradas na reportagem “Diário de Bordo: Fiéis festejam por santa boliviana em Corumbá (MS)”, disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/tvmorena/meums/noticia/2014/10/diario-de-bordo-fieis-festejam-por-santa-boliviana-em-corumba-ms.html>>. Acessado em: 10 out. 2016.

<sup>7</sup> Mais informações disponíveis em: <<http://www.diaronline.com.br/index.php?s=noticia&id=42694>> Acessado em: 09 fev. 2015.

<sup>8</sup> Sobre o imaginário da fronteira por moradores jovens de Corumbá, Costa (2013) desenvolve um estudo que aponta para dados duais em relação à fronteira (leia-se “a cidade vizinha”), isto é, ainda que suja, desorganizada, perigosa, feia, também um espaço para compras, lazer e trocas culturais.

---

<sup>9</sup> Santa Cruz, na Bolívia, está distante aproximadamente 400 km de Corumbá, e possui mais de 1.700.000 habitantes, segundo o site Wikipedia. Durante uma rápida visita, pude perceber que além de organizações da sociedade civil e do movimento social da diversidade sexual, nesta cidade também há sauna e boate voltada ao público gay.

<sup>10</sup> Uma reflexão sobre AIDS, fronteira e estigma, a partir da realidade de “Homens que fazem Sexo com Homens (HSH)” em Corumbá, pode ser lida em Duque (2016).

<sup>11</sup> Segundo os dados do Grupo Gay da Bahia, no Estado do Rio de Janeiro foram assassinados 30 pessoas LGBT em 2016, destas, 8 foram na capital. Dados disponíveis em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>>. Acessado em: 10 mai. de 2017.

<sup>12</sup> Um dos pontos turísticos da cidade de Corumbá é o “Mirante Cristo do Pantanal”, no morro do Cruzeiro, onde se encontra uma estátua do “Cristo Rei do Pantanal”, com 12m de altura.

<sup>13</sup> O carnaval na cidade é bastante conhecido no estado, conta com 10 escolas de samba, algumas “filiadas” de escolas de samba cariocas.

<sup>14</sup> O “sotaque corumbaense” chama atenção por ser diferente das demais regiões do estado, assemelhando muito com o das/os cariocas e das/os portuguesas. Maiores informações podem ser acessadas em reportagem jornalística disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zkgbYStoXhs>>. Acessado em 10 jun. 2017.

<sup>15</sup> Durante o trabalho de campo o funk apareceu durante o pré-carnaval, o carnaval e algumas festas organizadas por grupo de moradores ou por empresários da cidade.

<sup>16</sup> O calor da cidade a coloca com uma das mais quentes do país em diferentes noticiários nacionais. Em especial, durante o verão de 2015, noticiou-se que duas pessoas teriam morrido devido ao clima. Informações disponíveis em <<http://www.midiamax.com.br/noticias/933301-calor-teria-provocado-a-morte-de-duas-pessoas-em-corumba.html>> Acessado em: 10 jun. 2017.

<sup>17</sup> A marinha tem sede na cidade vizinha, Ladário, mas a circulação de marinheiro pela cidade é intensa.

<sup>18</sup> Devido à presença da marinha na região, muitos militares são do Rio de Janeiro.

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://diarionline.com.br/?s=noticia&id=4988>>. Acessado em: 10 jun. 2017.

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=14291>>. Acessado em: 12 ago. 2016.

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://diarionline.com.br/index.php?s=noticia&id=61922>>. Acessado em: 10 jun. de 2017.

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://www.correiadoestado.com.br/noticias/corumba-elege-a-musa-gay-do-carnaval/207619/>>. Acessado em: 10 jun. 2017.

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://www.correiadoestado.com.br/noticias/travesti-de-29-anos-e-assassinado-com-facada-no-pescoco/193917/>>. Acessado em: 12 ago. 2016.

---

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://www.capitalnews.com.br/policia/apos-assumir-namoro-com-travesti-homem-e-agredido-no-centro-de-corumba/277439>>. Acessado em: 10 jun. 2017.